

# DA EXPECTATIVA ESCATOLÓGICA AO PRESENTE ASSUMIDO? MUDANÇAS NA COMPREENSÃO ESCATOLÓGICA ASSEMBLEIANA<sup>1</sup>

Paulo André Ribas Corrêa<sup>2</sup>

## RESUMO

A escatologia assembleiana passa por um momento de irrelevância em seu significado. A dinâmica dentro das comunidades assembleianas demonstra a verdade de tal enunciado. Uma das possíveis interpretações para tal fato é que há um novo modo assembleiano de ser pentecostal, isto é, uma nova configuração identitária das igrejas assembleianas. Mas por que isso acontece? Uma das respostas possíveis pauta-se na existência de elementos que impulsionam este novo modo de ser, entre os quais está a influência de outras matrizes teológicas. O que resulta, entre outras coisas, no fato de que a escatologia deixa de ser elemento orientador das condutas de vida dos assembleianos. Por conta disso, faz-se urgente o questionamento se a escatologia assembleiana tornou-se conformação presentista.

**Palavras-chave:** Escatologia, Assembleia de Deus, Pentecostalismo,

## ABSTRACT

The Assembly of God Church's eschatology is going through a moment of irrelevance in its meaning. This is a more than true statement. It is enough to go to the Assembly of God Churches to verify the truth of such a statement. What is the cause of this scenario? One of the possible answers is that there is a new assembly mode of being Pentecostal. And what promotes such a new way of being? One of the possible answers is that there are elements that drive this new configuration. One of these elements is the influence of other theological matrices. The result of this is that eschatology ceases to be a guiding element in the conduct of the church members. In this way, we must ask ourselves if the Assembly of God eschatology has become a conformation for the present.

**Keywords:** Eschatology; Assembly of God Church; Pentecostalism.

## INTRODUÇÃO

Podemos entender que a escatologia assembleiana é resultado de uma construção que transcende a própria escatologia em si. Em outras palavras, a escatologia, ao contrário do

---

<sup>1</sup> Este texto é um recorte da pesquisa resultante do trabalho de conclusão de curso (TCC), apresentada e defendida em 2016, como requisito para a graduação em Teologia pela Faculdade Refidim. O texto em si, refere-se à segunda seção da pesquisa. O texto completo tem por título: "Reflexões sobre a escatologia assembleiana: possibilidade de uma escatologia em hermenêutica pneumatológica".

<sup>2</sup> Graduado em Teologia pela Faculdade Refidim. Pós-graduando em Teologia do Antigo Testamento pela Faculdade Unida de Vitória. Licenciando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integrante do corpo técnico de pesquisa da Faculdade Refidim. E-mail: pauloandreribascorrea@gmail.com.

comumente aceito, é estruturada a partir da relação que os sujeitos assembleianos constroem com a realidade circundante a partir de sua vivência. Desta forma, a estrutura escatológica, por assim dizer, não é tão rígida e sólida como se pensa. Pelo contrário, é tão dúctil<sup>3</sup> que se a relação com o contexto da vivência sofre alterações, a escatologia, conseqüentemente, também sofrerá mutações.

Partindo disso, percebe-se que atualmente a escatologia assembleiana, se comparada aos períodos anteriores de sua história, tomou outros rumos: se nos períodos anteriores a escatologia enfatizava a expectativa do futuro que negava o presente, atualmente há uma tendência de assimilação do presente e um maior distanciamento da espera futura. Tal afirmação é por nós concebida a partir da constatação de uma alteração no modo assembleiano de ser pentecostal. Em outras palavras, há uma nova configuração das identidades assembleianas, e essas novas formas assembleianas de ser pentecostal têm resultado em outras práticas e discursos teológicos que não àqueles dos primórdios do movimento. No que concerne à escatologia, percebe-se a sua crescente perda de relevância e lugar nas práticas e discursos assembleianos.

Sendo assim, neste artigo, partiremos desta constatação mais geral de que há um novo assembleianismo sendo produzido no seio das comunidades assembleianas,<sup>4</sup> e esta nova forma reconfigura a escatologia dessas igrejas. Para tal afirmativa elencamos, entre os vários elementos que modificam a estrutura assembleiana, um elemento em particular: as influências de outras teologias.<sup>5</sup> A partir disso, nos perguntamos pela relevância da escatologia assembleiana na atual configuração deste movimento religioso.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Segundo o dicionário de português online, "dúctil" pode ser entendido como aquilo que se pode manejar, aquilo que se pode distender, comprimir sem que haja rompimento. O que é flexível, maleável. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ductil/>. Acesso em: 16 de ago. 2017.

<sup>4</sup> Essa nova forma de ser assembleiano é observada, principalmente, nas comunidades mais centrais, dos grandes centros urbanos. Talvez, isso ocorra mediante o processo de adaptação dessas comunidades à demanda das grandes cidades, o que não é percebido em comunidades mais interioranas, que ainda mantêm uma postura de identificação com práticas e doutrinas tradicionais. Contudo, como uma amostra da pluralidade do modo de ser assembleiano, até mesmo nas comunidades das grandes cidades, onde o fator predominante é a adaptação às demandas culturais, percebe-se, em certos redutos, uma tentativa de identificação e conformação com o tradicionalmente instituído.

<sup>5</sup> Vale ressaltar que não é apenas esse fator que desencadeia essa mudança. Podemos destacar além desse, outros como: 1) o maior alcance do pentecostalismo assembleiano de pessoas de classe média que, naturalmente não se preocupam com a questão escatológica, pois sentem-se confortáveis nesta vida; 2) Ascensão social dos membros pobres à classe média, um aburguesamento que repete o resultado do item anterior; 3) Participação mais efetiva da Igreja em questões políticas, o que remete a um pensamento mais ligado ao aqui e agora. Entretanto, tendo em vista a brevidade deste artigo, não poderemos abarcar todos esses itens. Por isso, elencamos apenas o que foi descrito no corpo do texto.

<sup>6</sup> Não fazemos uma espécie de apologia à escatologia assembleiana dos primórdios deste movimento. Nosso texto é mais descritivo do que defensor de algum ideário, por assim dizer.

## 1 DEFININDO CONCEITOS: O MODO ASSEMBLEIANO DE SER PENTECOSTAL

Antes de entrarmos nas questões centrais deste artigo, se faz necessário explicitarmos o que queremos dizer com o conceito **modo assembleiano de ser pentecostal**. Podemos definir o que chamamos de **modo assembleiano de ser pentecostal** a partir do que sugere Bernardo Campos. Segundo o autor, existe no seio de toda comunidade que se professa cristã o que ele chama de **pentecostalidade**. Essa experiência, a pentecostalidade, segundo Campos é “[...] aquele princípio e aquela prática religiosa moldados pelo acontecimento de Pentecoste.”<sup>7</sup> Em outras palavras, a pentecostalidade pode ser entendida como a maneira pela qual os sujeitos apreendem a experiência de Pentecostes e orientam suas vidas a partir dessa experiência.

Nas Assembleias de Deus é a maneira pela qual o evento de Pentecostes é interpretado em constante dialética com a vivência factual. Contudo – nas várias Assembleias espalhadas por esse Brasil – esta experiência nunca é igual, pois se diferem os modos de apreensão da mesma, tanto que os diferentes períodos historicizados ou tipologizados da história das Assembleias de Deus demonstram que o **modo assembleiano de ser pentecostal** é multifacetado.<sup>8</sup> Destarte, acompanhar as mudanças dessa pentecostalidade nas Assembleias de Deus é acompanhar as várias **faces** de ser assembleiano, como também de perceber como esses sujeitos, em diferentes momentos históricos, se relacionaram (relacionam) com a cultura vigente.

Definido o que entendemos por **modo assembleiano de ser pentecostal**, podemos adentrar nas reflexões sobre o tema central de nosso texto.

## 2 MUDANÇAS NO MODO ASSEMBLEIANO DE SER PENTECOSTAL: AS INFLUÊNCIAS DE OUTRAS TEOLOGIAS

O elemento que elencamos como influenciador<sup>9</sup> dessa nova forma de ser assembleiano é a absorção por parte das Assembleias de Deus de outras teologias. Embora as próprias

---

<sup>7</sup> CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma Protestante à Pentecostalidade da Igreja*. Tradução: Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002, p. 85.

<sup>8</sup> Segundo o dicionário Aurélio, multifacetado é aquilo que tem muitas faces. Portanto, quando dizemos que o modo assembleiano de ser pentecostal é multifacetado, estamos nos referindo às diversas faces que este movimento adquiriu ao longo de sua história. E, particularmente, fazemos referência às diferenças significativas entre as várias formas de assembleianismos. (Sobre o significado de **multifacetado**, ver: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5. ed., Curitiba: Positivo, 2010, p. 1437.

<sup>9</sup> Elencamos apenas este elemento por questões de tempo e espaço para a reflexão. Sobre demais fatores que influenciam esta nova face assembleiana, ver nota 5.

igrejas assembleianas não reconheçam tal influência, ela é mais do que perceptível em seus discursos e práticas.

A teologia tradicional tem perdido seu lugar de preeminência e função de regulamentação das identidades dos sujeitos assembleianos. É a partir dessa constatação mais geral que podemos conceituar a **fluidez teológica**<sup>10</sup> presente nas comunidades assembleianas.

A metáfora do líquido representa bem o processo teológico das Assembleias de Deus. Em sua dinamicidade líquida, a teologia assembleiana é aquela que nos foge a tentativa de cerceamento; é aquela que quando tentamos pegar nas mãos, logo se derrama entre os dedos. No que diz respeito às práticas e aos discursos assembleianos, diante da necessidade de se adaptar a uma realidade que muda constante e vorazmente, o que é líquido consegue melhor absorver e ser absorvido.

Portanto – corroborando com a afirmação de Corrêa – diante “[...] das pressões do imediatismo, ‘a fôrma usada’ como modelo dentro das igrejas AD perdeu espaço na maioria destas.”<sup>11</sup> É nesse sentido que podemos afirmar que ocorre uma **neopentecostalização** da teologia assembleiana tradicional.

Entretanto, quando nos utilizamos do neologismo ‘neopentecostalização’ para nos referir à teologia assembleiana, não aludimos à mudança do pentecostalismo assembleiano para àquele – definido conceitualmente de neopentecostalismo – de influência da teologia da prosperidade.<sup>12</sup> Haja vista que, naturalmente liga-se **neopentecostalismo** às igrejas de matriz teológica da prosperidade, o conceito que usamos aqui está destinado a um significado diferenciado. Ou seja, quando afirmamos que há uma **neopentecostalização** da teologia assembleiana apontamos para uma espécie de **ressignificação** do tradicional.<sup>13</sup> Portanto, de um pentecostalismo dito ‘clássico’, passa-se, em certas comunidades, para um **neopentecostalismo**.

Essa passagem se dá – entre outros aspectos – mediante a absorção de outras fôrmas teológicas. Obviamente, que a teologia da prosperidade também é absorvida, contudo, não é a

---

<sup>10</sup> POMMERENING, Claiton Ivan. Pentecostalismo líquido: fluidez teológica entre os pentecostalismos. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*. Joinville, v. 4, n. 1, p. 07-22, jan., 2013, p.7.

<sup>11</sup> CORREA, Marina Aparecida dos Santos. *Alterações das características tradicionais da Igreja Assembleia de Deus: um estudo a partir da igreja do bairro Bom Retiro em São Paulo*. 2006, 170f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 80.

<sup>12</sup> Definir igrejas como Universal do Reino de Deus, Mundial do Poder de Deus, Igreja Internacional da Graça, entre outras como **neopentecostais** é um tanto quanto problemática. Talvez, essas igrejas necessitem de uma definição própria para uma melhor compreensão de suas dinâmicas, não de um neologismo ultrapassado. Portanto, chamá-las de neopentecostais não faz jus ao movimento que elas comportam. Sem contar que coloca todas as igrejas ditas pentecostais no mesmo conceito, o que resulta em um significado auto-excludente.

<sup>13</sup> Não utilizamos o termo **negação**, pois entendemos que a teologia tradicional não é negada, antes, seus elementos são constantemente ressignificados.

única. O movimento gospel, em sua pluralidade constitutiva, também tem marcado presença na neopentecostalização da teologia assembleiana.

No que concerne aos elementos da teologia tradicional que foram ressignificados ou abandonados pelas novas práticas, podemos citar o ascetismo. A teologia tradicional enfatizava, graças ao seu *éthos* de negação do mundo,<sup>14</sup> uma relação de desconfiança e afastamento deste. A preocupação e o desfrute com/dos prazeres deste mundo (futebol, festas, cinema, teatro, música etc.) eram considerados pecados hediondos, o que acarretaria, se fossem praticados pelo sujeito crente, em possível perda da salvação. O corpo, identificado com a carne, era, paradoxalmente,<sup>15</sup> desprezado e mortificado, visando o bem-estar da alma anelante por Deus.<sup>16</sup>

Contudo, as novas teologias que influenciam as novas práticas assembleianas, promovem uma expressiva redução da rejeição ao mundo. O ascetismo não é mais elemento principal nos discursos e práticas, tanto que atividades tradicionalmente tidas como proibidas e pecaminosas, hoje são concebidas como gozo das possibilidades de vivências dadas pelo Criador.

Nos cultos jovens, que segundo Albano, estes têm ganhado considerável espaço mediante o “[...] afrouxamento dos ‘usos e costumes’ de muitas igrejas”,<sup>17</sup> a adoração é mais expressiva por meio de uma estruturação litúrgica diferenciada. Novas músicas com ênfase no indivíduo, novos instrumentos, luzes e fumaças, acabam sendo elementos indispensáveis, o que antigamente era impensável não só pela tecnologia disponível na época, mas principalmente pelo fato de que por meio desses novos elementos do culto, pensava-se, o mundo estaria entrando na igreja.<sup>18</sup>

A ausência de línguas estranhas, elemento fundante da eclesiologia assembleiana,<sup>19</sup> tem sido cada vez mais constante. Pregações voltadas ao batismo com o Espírito Santo, que outrora eram costumeiras, têm cedido lugar a pregações voltadas aos problemas cotidianos dos sujeitos, visando à solução imediata desses dilemas.<sup>20</sup> Concomitantemente, por conta da

---

<sup>14</sup> ALBANO, Fernando. Aspectos do sistema simbólico pentecostal. *Azusa: revista de estudos pentecostais*. Joinville, v. 2, n. 2, p.29-56, Jul., 2011, p. 47.

<sup>15</sup>Paradoxalmente, pois ao mesmo tempo em que ele é negado, nas reuniões de cultos é extremamente usado nas experiências extáticas, como: marchar no Espírito, levantar as mãos para glorificar, em algumas igrejas bater palmas, etc.

<sup>16</sup> ALBANO, 2011, p. 47.

<sup>17</sup> ALBANO, 2011, p. 31.

<sup>18</sup> Como amostra da pluralidade das Assembleias de Deus, em algumas igrejas ainda se mantém certa aversão a essas formas litúrgicas.

<sup>19</sup> ALBANO, 2011, p. 30.

<sup>20</sup> Aqui encontramos um bom exemplo da influência da teologia da prosperidade na liturgia assembleiana.

nova forma litúrgica dos cultos jovens, no que concerne à ênfase no batismo com o Espírito, atualmente percebe-se uma crescente perda dessa temática.

Essas mudanças nas ênfases teológicas têm produzido uma nova forma de ser assembleiano. Obviamente, que tais afirmações precisam ser mais bem aprofundadas, visando uma melhor compreensão desse movimento de transformação do assembleianismo. Contudo, reiteramos que essa teologia marcada pela fluidez<sup>21</sup> ressignifica o pentecostalismo clássico em um novo pentecostalismo (neopentecostalismo?).

### **3 E A EXPECTATIVA ESCATOLÓGICA? ESCATOLOGIA, ELEMENTO ESQUECIDO DAS PRÁTICAS ASSEMBLEIANAS?**

Foi apresentado anteriormente, mesmo que sucintamente, um elemento, que para nós, ajuda a identificar essa nova forma (face) assembleiana de ser pentecostal. Percebemos que essa nova forma de ser tem servido como uma nova estrutura definidora da escatologia. Ou seja, a concepção escatológica – mesmo que doutrinariamente não se faça esta afirmação – mudou. Por conta disso, a escatologia assembleiana perdeu sua dimensão privilegiada nos discursos e práticas dessa igreja.

Se assim for, a expectativa escatológica teria se transformado em conformação presentista,<sup>22</sup> haja vista que a escatologia tradicional e doutrinária enfatiza o futuro como campo de conformação e fonte de inspiração? Por conseguinte, seria a escatologia elemento esquecido das práticas assembleianas?

Há uma nova escatologia correndo os corredores das igrejas assembleianas. Essa escatologia é consideravelmente diferente daquela dos primórdios do movimento e daquela defendida pelas instâncias doutrinárias. Tomamos, como ponto de partida explicativo, que essa nova escatologia é fruto, entre vários fatores, da **influência teológica** de outras matrizes cristãs.

No que concerne à absorção de elementos de outras matrizes teológicas que têm colaborado para a ressignificação da escatologia, talvez, a teologia que mais tenha

---

<sup>21</sup> POMMERENING, 2013, p. 7.

<sup>22</sup> O presente torna-se o lugar de conformação e vivência privilegiado. A espera voraz no futuro do Reino milenar tem cedido lugar a uma maior preocupação com o presente. Por isso falamos em **conformação presentista**.

influenciado esta nova forma de ser assembleiano – embora não seja a única – e, por conseguinte, a escatologia, tenha sido a teologia da prosperidade.<sup>23</sup>

A concepção escatológica inerente a essa teologia pode ser definida como **realizada**, já que não se espera que a vida plena e perfeita está em algum lugar para além daqui. Antes, é no agora que se pode desfrutar de todas as bênçãos prometidas por Deus. Se tradicionalmente a escatologia cristã tinha o sofrimento, a pobreza e a doença como elementos constituintes do discipulado cristão, a partir da teologia da prosperidade, tem-se uma escatologia realizada que ensina “[...] que a pobreza é uma maldição do diabo e nós temos o poder, por meio da fé nas promessas de Deus, para superar a pobreza e viver prosperamente [...]”<sup>24</sup> Portanto, a prosperidade é “[...] indicativa do Reino de Deus [...]”<sup>25</sup> e os filhos de Deus podem desfrutar dessa prosperidade no **já**, caracterizado pela negação da pobreza e das doenças.

Todavia, constata-se que este influxo da teologia da prosperidade sobre a teologia assembleiana não é possível de ser fundamentado simplesmente por meio de uma análise das doutrinas assembleianas, haja vista que as doutrinas sempre revelarão os dogmas tradicionais do assembleianismo.<sup>26</sup> Não obstante, pelo fato de nas comunidades assembleianas a teologia ser construída por meio da oralidade,<sup>27</sup> é possível notar uma espécie de **esgarçamento**<sup>28</sup> **do discurso teológico**.

Esse esgarçamento do discurso teológico pode ser representado pela falta de reflexão teológica cristalizada. Por conseguinte, a absorção de novas tendências do mercado religioso é quase inevitável.<sup>29</sup> Segundo Pommerening, nesse contexto, as doutrinas pentecostais clássicas “[...] como a preocupação escatológica e a glossolalia desaparecem [...] para dar lugar a este novo tipo de oralidade pentecostal.”<sup>30</sup>

---

<sup>23</sup> Vale ressaltar, que não fazemos juízo de valor em relação à teologia da prosperidade. Para nós ela é uma teologia legítima, que se preocupa com questões válidas da existência humana. Contudo, o que estamos ressaltando é de que forma a absorção dessa teologia nas práticas assembleianas influencia a escatologia.

<sup>24</sup> HOLMES JR., Nathaniel C. Paul Tillich e a teologia da prosperidade. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*. Joinville, v. 6, n. 1, p. 47-64, jan./jul., 2016, p. 53.

<sup>25</sup> HOLMES JR., 2016, p. 53.

<sup>26</sup> Os instrumentos doutrinadores (Lições da Escola Bíblica Dominical, Mensageiros da Paz, Ensinador Cristão, etc.) são ferramentas utilizadas – além de informar, comunicar, etc. – para purgar certas concepções teológicas que são estranhas à doutrina assembleiana e, ao mesmo tempo, manter sua unidade doutrinária, ensinando aos fiéis qual é a linha teológica da igreja. Nesse sentido, a teologia da prosperidade já foi (e é) alvo de duras críticas nesses instrumentos, principalmente nas Lições da Escola Bíblica Dominical, conforme demonstrou Pereira. (ver mais em: PEREIRA, Walter Nei. *Temas bíblicos na Escola Bíblica Dominical da Igreja Assembleia de Deus (2000-2009): avaliação teológica e perspectivas*. 2011, 84f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011, p. 84.)

<sup>27</sup> POMMERENING, 2010, p. 51.

<sup>28</sup> Segundo o dicionário Aurélio, esgarçar é dividir, apartar os fios (metáfora do tecido), desfilar, romper-se, fragmentar-se (FERREIRA, 2010, p. 843).

<sup>29</sup> POMMERENING, 2010, p. 51.

<sup>30</sup> POMMERENING, 2010, p. 51.

Portanto, em uma tentativa de responder às perguntas levantadas no início desta seção: se a escatologia assembleiana teria se tornado presentista, preferimos pensar que ainda não, contudo, essa **presentificação** parece ser um destino inevitável. Percebe-se que o horizonte da expectativa escatológica tem se perdido de vista à medida que essa igreja cresce visando aumentar seu campo de ação e, à medida que se deixa influenciar por práticas teológicas que minam as concepções tradicionais da memória da comunidade. Não obstante, o presente tem se tornado campo de conformação e experiência, portanto, uma escatologia que enfatiza o crescente desmantelamento deste mundo, como também o seu fim catastrófico iminente, parece não fazer sentido para a prática contemporânea das Assembleias de Deus.

Em resumo, percebe-se que esse novo modo assembleiano de ser pentecostal tem resultado em uma nova forma de concepção escatológica. Uma concepção escatológica que perdeu sua importância na prática das igrejas. Se antes a escatologia podia ser compreendida como fonte de sentido ao sujeito que vivia em uma realidade de opressão, atualmente ela cedeu lugar a outras fontes de sentido que dizem muito mais à vida dos sujeitos assembleianos contemporâneos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em suma, a escatologia assembleiana passa por um momento de irrelevância de significado, isto é, nas práticas e discursos dos sujeitos crentes pertencentes a esta comunidade, a escatologia, outrora fonte de significação e orientadora da conduta de vida, cedeu lugar a outras fontes de significação da vida que são muito mais relevantes e que falam muito mais à vida dos membros das comunidades assembleianas. Tal constatação exige uma reflexão teológica que leve em consideração as atuais mudanças por qual passa o movimento pentecostal representado pelas Assembleias de Deus. Dito de outra forma, para que a teologia assembleiana, em especial a escatologia, não perca sua relevância, os teólogos e pensadores assembleianos precisam começar a ouvir mais os discursos das comunidades, pois é na comunidade de fé que a produção teológica deve repousar; e é da comunidade de fé que a reflexão teológica deve nutrir-se.

## REFERÊNCIAS

ALBANO, Fernando. Aspectos do sistema simbólico pentecostal. *Azusa: revista de estudos pentecostais*. Joinville, v. 2, n. 2, p.29-56, Jul., 2011.

CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma Protestante à Pentecostalidade da Igreja*. Tradução: Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002.

CORREA, Marina Aparecida dos Santos. *Alterações das características tradicionais da Igreja Assembleia de Deus: um estudo a partir da igreja do bairro Bom Retiro em São Paulo*. 2006, 170f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

HOLMES JR., Nathaniel C. Paul Tillich e a teologia da prosperidade. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*. Joinville, v. 6, n. 1, p. 47-64, jan./jul., 2016.

PEREIRA, Walter Nei. *Temas bíblicos na Escola Dominical da Igreja Assembleia de Deus (2000-2009): avaliação teológica e perspectivas*. 2011, 84f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011.

POMMERENING, Claiton Ivan. Pentecostalismo líquido: fluidez teológica entre os pentecostalismos. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*. Joinville, v. 4, n. 1, p. 07-22, jan., 2013.